

AS PERÍFRASES DE TEMPO EM AULAS E EM ENTREVISTAS ORAIS

PERÍFRASIS DE TIEMPO EN CLASES Y ENTREVISTAS ORALES

TENSE PERIPHRASES IN LECTURES AND IN ORAL INTERVIEWS

Juliano Desiderato Antonio*

Universidade Estadual de Maringá

Marcelo Módolo**

Universidade de São Paulo

RESUMO: Na tradição gramatical, as perífrases verbais têm sido descritas principalmente em relação à sua morfologia. Apenas algumas perífrases verbais são incluídas nos paradigmas de conjugação verbal de tempo das Gramáticas Tradicionais pelo fato de que, no período em que se produziram as primeiras gramáticas das línguas românicas, privilegiou-se a morfologia flexional como forma de “valorizar” características dessas línguas que se assemelhassem a características do latim. O objetivo deste trabalho é realizar uma descrição do funcionamento das perífrases de tempo em um *corpus* de língua falada formado por entrevistas com pesquisadores e por aulas de curso superior e de curso pré-vestibular. Por meio da tabulação das ocorrências, verificou-se uma altíssima frequência das formas perifrásicas em detrimento das formas simples. Em outras palavras, verificou-se que, mesmo quando a perífrase não tem função supletiva, ou seja, quando não preenche uma lacuna em um paradigma, os falantes optam com maior frequência pela forma composta.

PALAVRAS-CHAVE: Perífrases verbais. Tempo. Língua falada.

RESUMEN: En la tradición gramatical, las perífrasis verbales han sido descritas principalmente en relación a su morfología. Solo unas pocas perífrasis verbales se incluyen en los paradigmas de conjugación de tiempos verbales de las Gramáticas Tradicionales debido a que, en el período en que se produjeron las primeras gramáticas de las lenguas romances, se privilegió la morfología flexiva como una forma de “valorar” características de estas lenguas que se asemejan a rasgos del latín. El objetivo de este trabajo es describir el funcionamiento de las perífrasis temporales en un corpus de lenguaje hablado formado por entrevistas a investigadores y por clases de cursos universitarios y preuniversitarios. A través de la tabulación de ocurrencias se constató una frecuencia muy alta de formas perifrásicas en detrimento de las formas simples. En otras palabras, se comprobó que, aun cuando la perífrasis no tiene una función suplementaria, es decir, cuando no llena un vacío en un paradigma, los hablantes optan con mayor frecuencia por la forma compuesta.

PALABRAS CLAVE: Perífrasis verbales. Tiempo. Lengua hablada.

* Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. Professor do Departamento de Teorias Literárias e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: jdantonio@uem.br.

** Professor Doutor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com interesse de pesquisa nas áreas de morfossintaxe do português de uma perspectiva funcionalista, crítica textual, linguística histórica e divulgação científica. E-mail: modolo@usp.br.

ABSTRACT: In the grammatical tradition, verbal periphrases have been described mainly in relation to their morphology. Only a few verbal periphrases are included in the paradigms of verb tense conjugation of Traditional Grammars due to the fact that, in the period in which the first grammars of the Romance languages were produced, inflectional morphology was privileged as a way of “valuing” characteristics of these languages that resembled features of Latin. The objective of this paper is to describe the use of tense periphrases in a corpus of spoken language formed by interviews with researchers and by university and pre-university course classes. Through the tabulation of occurrences, a very high frequency of periphrastic forms was verified to the detriment of simple forms. In other words, it was verified that, even when the periphrasis does not have a supplementary function, that is, when it does not fill a gap in a paradigm, speakers more frequently opt for the compound form.

KEYWORDS: Verbal periphrases. Tense. Spoken language.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na tradição gramatical, as perífrases verbais têm sido descritas principalmente em relação à sua morfologia. Em geral, apresentam-se listas de conjugação de verbos sobretudo em suas formas simples, deixando-se de lado as formais verbais compostas, formadas por perífrases.

Por outro lado, em uma investigação funcionalista, a língua é vista como um sistema de sentidos acompanhados por formas que realizam esses sentidos, e a gramática deve explicar como os sentidos são expressos (Halliday, 1994). Halliday concebe a gramática de uma língua como um sistema de opções à disposição do falante, que, em situações de uso linguístico, realiza a escolha das opções que melhor satisfaçam suas necessidades comunicativas. Dessa forma, se, além das formas verbais simples, a língua também fornece aos falantes as formas compostas, é importante que essas formas também sejam investigadas e que as motivações para seus usos sejam descritas.

Geralmente deixadas de lado pela tradição gramatical, que privilegia as formas simples, as perífrases são usadas com frequência no vernáculo. Longo (2019, p. 175) define a perífrase ou locução verbal como “[...] um complexo que reúne um verbo, o auxiliar, e uma forma de infinitivo, gerúndio ou particípio numa só predicação”. Na definição de Ilari (1997), uma perífrase é composta por um verbo auxiliar, que pode assumir qualquer flexão de tempo, modo e pessoa disponíveis, e por um verbo de sentido pleno não conjugado, ou seja, no infinitivo, no gerúndio ou no particípio.

Segundo Ilari e Basso (2008), apenas algumas perífrases verbais são incluídas nos paradigmas de conjugação verbal das Gramáticas Tradicionais, mais especificamente as formadas por ter/ haver + particípio passado e as formadas por ser + particípio passado. Para os autores, o motivo para que apenas algumas formas compostas sejam registradas pela tradição gramatical remonta à época das primeiras tentativas de descrição das línguas românicas. Tais línguas eram consideradas “vulgares” em comparação com o latim, e os gramáticos procuravam nessas línguas características semelhantes às do latim como forma de “valorizar” essas línguas. Ao darem primazia para as formas simples dos verbos, exaltavam a riqueza da morfologia verbal da língua.

Este trabalho tem como objetivo realizar uma descrição do funcionamento das perífrases temporais em um *corpus* de língua falada formado por aulas de curso superior e de curso pré-vestibular e por entrevistas orais com pesquisadores. Para que esse objetivo fosse atingido, realizou-se um levantamento, no *corpus*, de todas as ocorrências de perífrases temporais. Na tabulação dos dados, além do tempo verbal expresso, levou-se em consideração o verbo comumente conhecido como auxiliar (V1) e a forma do verbo tradicionalmente chamado principal (V2). Na sequência, comparou-se a frequência de ocorrência das perífrases temporais com a frequência de ocorrência de formas simples que expressam o mesmo conteúdo semântico (por exemplo, pretérito mais que perfeito perifrástico x pretérito perfeito simples; futuro do presente perifrástico x futuro do presente simples; futuro do pretérito perifrástico x futuro do pretérito simples).

Em termos de organização, além destas considerações iniciais, este texto está dividido em quatro outras seções. Na seção de fundamentação teórica, faz-se uma breve discussão sobre o conceito de perífrase, seguida de um levantamento sobre o tratamento dado a

esse tipo de construção, especificamente das perifrases temporais, em gramáticas tradicionais, em gramáticas escolares e em gramáticas elaboradas por linguistas. A seção seguinte trata do passos metodológicos para a realização da pesquisa. Na sequência, apresentam-se e discutem-se, na principal seção do trabalho, os resultados encontrados na análise dos dados do *corpus*. Por fim, encerra-se o trabalho com as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 SOBRE AS PERÍFRASES

Para Castilho (2010), a dificuldade do tratamento dos sintagmas verbais compostos se reflete nos rótulos atribuídos às perifrases verbais. Alguns rótulos encontrados na literatura a respeito do assunto são locução verbal, torneio, tempo composto, formas analíticas, conjugação perifrástica, dentre outros. Em relação à etimologia do termo “perífrase”, Haspelmath (2008) informa que o termo vem do grego e se refere ao uso de expressões mais longas, com mais de um vocábulo no lugar de apenas um. Nesse sentido, a perífrase seria uma circunlocução ou até uma paráfrase, e teria função supletiva, ou seja, a perífrase preencheria uma lacuna em um paradigma. A perífrase seria utilizada quando um determinado padrão flexional não pudesse ser aplicado a alguns membros de uma classe. O autor apresenta alguns argumentos contra a hipótese de que as perifrases estão em distribuição complementar em relação a formas flexionais reais. Um argumento é de origem fonológica: os comparativos no latim clássico. O sufixo formador de comparativo *-ior* não podia ser utilizado com uma raiz adjetival terminada em vogal. Assim, existiam formas comparativas como “*longior*” (mais longo), “*felicior*” (mais feliz), mas as comparações com adjetivos como “*arduus*” (árduo) e “*inodeus*” (adequado) eram formadas perifrasticamente com “*magis*”: “*magis arduus*”, “*magis inodeus*”. De acordo com Haspelmath, essas perifrases eram muito frequentes na língua coloquial e eram admitidas inclusive na língua escrita no caso de vocábulos cuja formação com a forma presa *-ior* era difícil.

Para o autor (Haspelmath, 2008, p. 659),

Como os falantes geralmente são guiados pela máxima da economia, há uma certa tendência que favorece a distribuição complementar: havendo uma forma presa, esta tenderá a bloquear a forma perifrástica, e, quando uma forma perifrástica se tornar a mais comum, a forma presa tenderá a desaparecer. Mas este princípio é apenas uma tendência, porque há desvios em ambas as direções. (tradução nossa¹)

Uma outra função geralmente atribuída às perifrases é a categorial (ou expressiva), na qual a construção perifrástica veicula distinção semântica adicional. Haspelmath cita como exemplos da perífrase categorial o presente perfeito do inglês (formado com o verbo *have* + participípio passado), o futuro do francês (formado com o verbo *aller* + infinitivo), o presente perifrástico do espanhol (*estar* + gerúndio). Como não existem, nessas línguas, desinências flexionais específicas para esses tempos verbais, não se pode dizer que as perifrases tenham função de circunlocução. Nesse sentido, uma “expressão perifrástica é apenas uma expressão que veicula um sentido gramatical em uma construção com mais de uma palavra” (tradução nossa²) (Haspelmath, 2008, p. 660).

As perifrases são tratadas por Bybee (1985) como uma das formas de expressão de noções semânticas. Para a autora, os elementos semânticos são expressos principalmente por três meios: lexical, flexional e sintático. No primeiro caso, dois ou mais elementos semânticos são expressos por um único item lexical. O exemplo apresentado pela autora é da unidade lexical “*kill*” (matar), que combina os elementos semânticos “morrer” e “causar”. No segundo caso, cada unidade semântica é expressa por uma entidade individual, mas as unidades estão presas a um único vocábulo. Essas unidades podem ser afixos adicionados a um radical (como no passado regular do inglês “*walked*” – andou) ou uma modificação no próprio radical (como no passado irregular do inglês (“*brought*” – trouxe)). Por fim, no terceiro caso, os diferentes elementos semânticos são expressos por unidades totalmente separáveis e independentes. É o caso da expressão perifrástica.

¹ “Since speakers are generally guided by a maxim of economy, there is a certain tendency that favors complementary distribution: When a bound form exists, this will tend to block the periphrastic form, and when a periphrastic form becomes the usual one, the bound form will tend to disappear. But this principle is only a tendency, because there are deviations in both directions”.

² “A periphrastic expression is simply one which expresses a grammatical meaning in a multi-word construction”.

Na visão de Bybee (1985), esses três tipos de expressão não são categorias discretas. Pelo contrário, formam um contínuo que traz, em um extremo, um maior grau de fusão (expressão lexical), e, em outro, uma maneira de expressão mais solta (a perífrase).

Estudando a correlação entre significado e modo de expressão, Bybee (1985) verificou que significados mais gerais tendem a ser expressos mais comumente por meio da flexão, ao passo que significados mais específicos e menos reduzidos são mais comumente expressos perifrasticamente. Os marcadores de futuro, por exemplo, tendem a ser expressos perifrasticamente com maior frequência do que os marcadores de passado e de presente. A hipótese da autora para explicar esse fato é a de que os tempos do futuro sofrem mudanças frequentemente, motivando sua ocorrência na forma perifrásica. No latim, a forma sintética do futuro foi substituída por uma construção perifrásica formada por infinitivo mais uma forma do verbo “haber” como auxiliar. Posteriormente, esse futuro perifrásico foi substituído, nas línguas neolatinas, por construções com o verbo “ir” mais infinitivo.

Esse tema é retomado em Bybee e Dahl (1989). Como não é possível utilizar o termo “morfema” para fazer referência a processos de mudança no interior no radical, alternância vocálica, perífrase etc., os autores propõem o neologismo “gram” para nomear a classe heterogênea de itens responsáveis pela expressão de propriedades semânticas: prefixos, sufixos, preposições, clíticos, auxiliares, reduplicação, mudança no interior do radical, alternância vocálica etc. Em estudos a respeito de línguas de diferentes tipos, os autores observaram que os morfemas gramaticais apresentam correlação entre forma e sentido. Para os autores (1989, p. 56), “[...] certas categorias geralmente têm expressão perifrásica, enquanto outras geralmente são expressas por formas presas. Em particular, perfeito e progressivo geralmente têm expressão perifrásica, enquanto passado, perfectivo e imperfectivo geralmente são expressos por formas presas”. (tradução nossa³).

A explicação para isso está relacionada à maneira como os grams se desenvolvem ao longo do tempo. O sentido das formas presas é resultante de um longo processo de gramaticalização no qual os elementos passam por uma grande redução em sua forma. Por outro lado, as perífrases expressam sentidos menos gramaticalizados (Bybee; Dahl, 1989; Haspelmath, 2008).

2.2 AS PERÍFRASES DE TEMPO NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS E NAS GRAMÁTICAS ESCOLARES

De acordo com Pontes (1973), nas gramáticas tradicionais do português não se encontra uma distinção precisa dos conceitos de locução verbal, conjugação perifrásica e tempo composto. Alguns gramáticos defendem a distinção entre tempos compostos e conjugações perifrásicas dizendo que os tempos compostos fazem parte da conjugação e têm seus próprios nomes ao passo que as conjugações perifrásicas teriam a função de indicar aspecto. Pontes critica essa explicação com dois argumentos: 1) os próprios gramáticos criaram o costume de dar nome aos tempos compostos, ou seja, trata-se de um “círculo vicioso” (p. 18); 2) nem todas as sequências tratadas como conjugação perifrásica indicam aspecto. Tome-se como exemplo a sequência ir + infinitivo, que indica tempo (futuro). Dentre os gramáticos que não realizam a distinção entre tempos compostos e conjugações perifrásicas, Pontes (1973) destaca o grande mestre Said Ali, que influenciou outros grandes gramáticos como Bechara, por exemplo.

O termo locução verbal é utilizado nas gramáticas tradicionais para rotular os conjuntos formados por verbo auxiliar (que recebe as flexões de modo, tempo, número e pessoa) e verbo principal no infinitivo, no gerúndio ou no particípio (Cunha; Cintra, 2017; Bechara, 2002; Kury, 1997). Para Cunha e Cintra (2017), os principais verbos auxiliares na língua portuguesa são ter, haver, ser e estar, mas outros verbos como ir, vir, andar e ficar também são empregados como auxiliares. O verbo auxiliar, segundo Kury (1997, p. 41), “[...] auxilia a conjugação, precisa o sentido, ou determina com mais rigor o momento do processo verbal”.

Lobato (1975) critica a definição geralmente encontrada nas gramáticas tradicionais segundo a qual, em uma relação de auxiliação, o sintagma verbal é composto por uma forma flexionada seguida de uma forma no infinitivo, no gerúndio ou no particípio. A autora apresenta o exemplo “Empalideceu vendo aquela cena” (p. 33) para mostrar que nem toda sequência de verbo flexionado seguido de verbo na forma não finita está em relação de auxiliação.

As gramáticas tradicionais reconhecem as diferentes funções das perífrases. Kury (1997) classifica as perífrases em temporais, aspectuais e modais. Cunha e Cintra (2017) mencionam o emprego das perífrases para formação de tempos verbais e de construções passivas. Os rótulos aspecto e modo não são encontrados na gramática desses autores, mas as noções relativas a essas categorias estão

³ “[...] certain categories usually have periphrastic expression while others usually have bound expression. In particular, perfect, and progressive usually have periphrastic expression, while past, and perfective and imperfective usually have bound expression”.

presentes nas explicações dos empregos das perífrases. Bechara (2002) chama de auxiliares acurativos os verbos auxiliares que formam perífrases aspectuais. Como interessam a este trabalho apenas as perífrases de tempo, os demais empregos não serão aqui discutidos.

Os tempos compostos, ou seja, formados por locuções verbais, são, segundo Cunha e Cintra (2017) e Bechara (2002), os seguintes:

- (a) No modo indicativo, pretérito perfeito composto (tenho cantado), pretérito mais-que-perfeito composto (tinha cantado), futuro do presente composto (terei cantado), futuro do pretérito composto (teria cantado);
- (b) No modo subjuntivo, pretérito perfeito (tenha cantado), pretérito mais-que-perfeito (tivesse cantado), futuro composto (tiver cantado).

Tendo em vista os resultados encontrados na pesquisa e que serão apresentados mais adiante no trabalho, é interessante destacar dois empregos das perífrases apresentados nas gramáticas tradicionais consultadas.

Primeiramente, destaca-se o uso de ir + gerúndio como perífrase de futuro, como no exemplo “Vou procurar um médico” (Cunha; Cintra, 2017, p. 413). Para esses gramáticos essa perífrase exprime “[...] o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que ela será realizada em futuro próximo”. Estranhamente, Kury (1997) inclui essa perífrase entre as aspectuais (momento futuro próximo). Como será possível verificar mais adiante neste trabalho, essa perífrase é a mais frequente no *corpus* investigado.

Outro destaque é o uso de estar + gerúndio, como no exemplo “está cantando” (Bechara, 2002, p. 231). Para Cunha e Cintra (2017), essa é a forma mais antiga e também a forma preferida no Brasil, nos Açores, nos países africanos de língua portuguesa e em alguns dialetos de Portugal. A forma estar + preposição a + infinitivo, como no exemplo “está a cantar” (Bechara, 2002, p. 231), é a forma preferida nos dialetos setentrionais de Portugal e no português padrão daquele país. Para Bechara (2002) e para boa parte dos gramáticos e dos linguistas (como será visto adiante), a construção estar + gerúndio é aspectual. No entanto, conforme o quadro 1, adaptado de Said Ali (1965), as formas compostas de todos os tempos verbais também são classificadas quanto ao aspecto. Esse é um dos motivos, como será visto adiante, que nos levou a optar por analisar a forma estar + gerúndio também como perífrase verbal, e não apenas aspectual.

	Conjugação simples	CONJUGAÇÃO COMPOSTA	
	Aspecto imperfectivo	Aspecto perfectivo	Aspecto do momento rigoroso
INFINITIVO	ver	ter visto	estar vendo
PARTICÍPIO DO PRETÉRITO	visto		
GERÚNDIO	vendo	tendo visto	estando vendo
INDICATIVO:			
Presente	vejo	tenho visto	estou vendo
Pretérito imperfeito	via	tinha visto	estava vendo
Pretérito perfeito	vi	tive visto (<i>port. ant.</i>)	estive vendo
Pretérito mais-que-perfeito	vira	tivera visto	estivera vendo
Futuro	verei	terei visto	estarei vendo
Futuro do pretérito	veria	teria visto	estaria vendo
IMPERATIVO	vê		
CONJUNTIVO:			
Presente	veja	tenha visto	esteja vendo
Pretérito imperfeito	visse	tivesse visto	estivesse vendo

Futuro	vir	tiver visto	estiver vendendo
--------	-----	-------------	------------------

Quadro 1: Aspecto nas conjugações compostas

Fonte: adaptado de Said Ali (1965, p. 163)

Na coluna “Aspecto do momento rigoroso”, Said Ali (1965) apresenta formas compostas com aspecto durativo, mas que nem por isso deixam de ser conjugadas quanto ao tempo. Nos resultados encontrados nesta pesquisa, como poderá ser observado na seção pertinente, as perifrases com estar + gerúndio são muito frequentes. Também foram encontradas algumas ocorrências de estava + gerúndio, como no exemplo “estava vendendo”, que pode ser observado no quadro 1.

Nas gramáticas escolares, a locução verbal é definida como resultado da união de dois ou mais verbos com valor de um (Cereja; Cochar, 2016). Os autores ilustram a correspondência entre a forma simples e a forma composta com os exemplos “O jogador chutará a bola” e “O jogador vai chutar a bola” (p. 225). Uma outra definição encontrada nas gramáticas escolares é a de um conjunto formado por verbo auxiliar seguido da forma nominal de um verbo principal (Terra, 2017; Cereja; Cochar, 2016). Assim como Cunha e Cintra (2017), Cereja e Cochar (2016) também consideram os verbos ter, haver, ser e estar os auxiliares mais frequentes, mas acrescentam também o verbo ir a essa lista. Terra (2017) apresenta uma lista um pouco mais extensa dos verbos auxiliares mais utilizados: ser, estar, ter, haver, andar, deixar, tornar, poder, ir, começar, acabar, querer, dever. Aparentemente esse autor apresenta uma lista mais extensa de verbos auxiliares pelo fato de distinguir locução verbal de tempo composto. Segundo o gramático (2018, p. 173, grifos do autor), “[n]o entanto, não é somente para a formação de locuções verbais que se empregam os verbos auxiliares. Como vimos, os verbos **ter** e **haver** também são empregados na formação dos tempos compostos, e os verbos **ser** e **estar**, na formação da voz passiva analítica”.

Além das funções de formar tempos compostos e formar a voz passiva analítica, Terra (2017) também menciona a função modalizadora dos auxiliares bem como a função de indicar aspecto.

No que diz respeito ao uso, Cereja e Cochar observam que, no português brasileiro coloquial, o pretérito mais que perfeito composto é mais frequente do que o simples. Ao contrário das gramáticas tradicionais de Bechara (2002) e de Cunha e Cintra (2017), Cereja e Cochar (2016) não apresentam quadros com a formação dos tempos compostos. É possível encontrar no apêndice apenas a conjugação dos verbos auxiliares ser, estar, ter e haver. No entanto, não se encontra a conjugação do verbo ir, considerado pelos autores, na página 228, um dos principais auxiliares do português. Terra (2017), por sua vez, apresenta a mesma conjugação dos tempos compostos que Cunha e Cintra (2017) e Bechara (2002), com exceção do pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, que não aparece nessa gramática escolar.

2.3 AS PERÍFRASES DE TEMPO NAS GRAMÁTICAS DE LINGUISTAS

Embora Câmara Jr. trate das conjugações perifrásicas em seu dicionário (1964), e não em uma gramática, suas contribuições ao tema serão apresentadas nesta seção dada à indiscutível importância de seu legado para a linguística no Brasil. Além de conceituar uma conjugação perifrásica como um conjunto de formas em que um verbo aparece em uma forma não finita e o outro verbo é flexionado em modo, tempo e pessoa, Câmara Jr. (1964) acrescenta o critério de gramaticalização para considerar um verbo auxiliar. Com base em Glinz (1952), Câmara Jr. (1964) afirma que as formas simples e as formas compostas do verbo coexistem na língua, mas são meios de expressão de idade e de construção distintas. O linguista brasileiro acrescenta que as conjugações perifrásicas expressam outras categorias verbais que as conjugações simples não contemplam, como aspecto, modo e voz passiva. Câmara Jr. (1964) não considera conjugação perifrásica “[...] a combinação de dois verbos numa única oração em que ambos guardam a sua significação verbal e a significação total é a soma das duas significações” (p. 86), ou seja, trata-se de casos em que não houve a gramaticalização do primeiro verbo, como nos exemplos “Quero sair”, “Vamos conversando até a casa”, “Já tenho uma carta escrita” (p. 86). Segundo Longo e Campos (2002, p. 455-456), nas perifrases temporais, “[...] o auxiliar interage com a base, fornecendo uma interpretação temporal, para o todo, que não coincide com a determinada pelo morfema modo-temporal, isoladamente. O auxiliar de tempo funciona de maneira análoga à de um morfema gramatical de tempo que fosse afixado ao radical de um verbo pleno”.

Por esse motivo, as autoras afirmam que, no português, os auxiliares temporais atingiram grau mais alto de gramaticalização do que nos auxiliares aspectuais. Um quadro dos auxiliares temporais do português brasileiro contemporâneo é elaborado pelas autoras (p. 456):

	Infinitivo	Particípio
Perfeito	Acabar de + presente Vir de + presente	Ter + presente
Mais que perfeito	Acabar de + imperfeito Vir de + imperfeito	Haver + imperfeito Ter + imperfeito
Futuro do presente	Estar para + presente Haver de + presente Ir + presente	Ter + futuro do presente
Futuro do pretérito	Estar para + imperfeito Haver de + imperfeito Ir + imperfeito	Ter + futuro do pretérito

Quadro 2: Auxiliares temporais do português brasileiro

Fonte: Longo e Campos (2002, p. 456)

Longo (2019, p. 178) apresenta exemplos das perífrases temporais encontrados no *corpus* de sua pesquisa:

1. Perífrases de pretérito

Acabar de + pres + infinitivo:

para complementar isso que você: *acaba de dizer...* (EF REC 337)

Ter + pres + particípio

pelo que eu tenho acompanhado pelo que eu *tenho lido* há uma determinada há uma certa BURLA... (DID POA 45)

Ter + imp + particípio

eu já:já tinha curso universitário já já *tinha saído* da faculdade (D2 SP 360)

Haver + imp + particípio

eu *havia perdido* o meu pai (D2 SP 360)

2. Perífrases de futuro

Ir + pres + infinitivo

Nós não sabemos quanto tempo Olinda ainda *vai viver* (D2 REC 05)

Ir + imp + infinitivo

Nós *íamos entrar* na concorrência acabamos não entrando (D2 SSA 98)

Estar para + pres + infinitivo

estou para trazê-lo aqui no museu de:... do homem pré-histórico (D2 SP 360)

Estar + gerúndio

eu, aliás, agora *estou saindo* para uma viagem que eu não gosto... (D2 SSA 98)

Ilari e Basso (2008) utilizam o termo “tempo” no mesmo sentido da tradição gramatical, ou seja, para se referir ao conjunto de flexões do verbo. Portanto, o tempo, para esses autores, refere-se a uma determinada forma gramatical de um verbo. Todavia, esses autores utilizam o termo referência temporal para denominar a localização dos eventos em um determinado espaço cronológico, ou seja, o termo referência temporal serve como resposta para a pergunta “Quando?”. A referência temporal está relacionada a opções de ordenação cronológica de anterioridade, de simultaneidade e de posterioridade, e é dêitica pelo fato de as relações cronológicas tomarem como primeira referência o momento da fala. Alguns tempos verbais perifrásicos são apresentados por esses autores (p. 254):

Presente perifrásico:

Eu *estou saindo* da empresa.
 Pretérito perfeito composto:
 Eu *tenho saído* da empresa.
 Futuro perifrástico:
 Eu *vou sair* da empresa.
 Pretérito mais que perfeito perifrástico:
 Eu *tinha saído* da empresa.
 Futuro perfeito:
 Eu *terei saído* da empresa.
 Futuro do pretérito perifrástico:
 Eu *ia sair* da empresa.

Castilho (2010, p. 450) apresenta alguns dos tempos verbais perifrásticos do PB:

ESPECIFICADORES DE TEMPO: TER + DO, IR + R

- Perífrases de particípio

Tempos compostos do passado:

Tem-se calado desde que tomou pé da situação.

Terá/ Teria se calado se conhecesse os detalhes da negociação.

- Perífrases de infinitivo

Futuro do presente:

Vou fazer o trabalho amanhã./ *Hei de fazer* o trabalho amanhã.

Futuro do pretérito:

Disse que *ia fazer* o trabalho.

Pretérito perfeito:

Fui falar a verdade, mas me estrepei./ *Veio a falecer* três dias depois.

Futuro iminente:

Ele está por/ está para/ está a ponto de perder a cabeça.

Conativo:

Chegou a escrever a carta./ *Acabou por escrever* a carta./ *Terminou por escrever* a carta.

Castilho (2010) observa que, embora o português brasileiro tenha o presente simples (p. ex. “eu falo”) e o presente contínuo (“eu estou falando”), não há terminologia específica para o presente perifrástico pelo fato de as formas ainda não terem valores temporais idênticos. No entanto, como já observado nesta seção do trabalho, Ilari e Basso (2008) e Longo (2019) apresentam exemplos de perífrases temporais com estar + gerúndio, motivo pelo qual, neste trabalho, essas perífrases serão computadas dentre as temporais.

3 METODOLOGIA

3.1 DO CORPUS

O *corpus* da pesquisa é formado por oito aulas de curso superior e de curso pré-vestibular e por dez entrevistas com pesquisadores. Os informantes nasceram em Maringá (PR) e residem na cidade desde então ou não são naturais da localidade, mas residem nela há mais de 10 anos. Os informantes das aulas não são os mesmos das entrevistas. As aulas têm duração média aproximada de 90 minutos cada. No caso das entrevistas, para que os informantes apresentassem um comportamento linguístico mais espontâneo, solicitou-se previamente a cada um deles um artigo científico de sua autoria. Após a leitura do texto, foram elaboradas perguntas sobre o processo de produção do texto em si e sobre os temas tratados no artigo. Observou-se que esse procedimento possibilitou um maior envolvimento dos informantes com o conteúdo do que estavam falando, diminuindo-se o efeito “intimidatório” que o gravador geralmente causa aos entrevistados.

A transcrição foi feita alfabeticamente, seguindo-se um padrão baseado nas normas do projeto NURC (Prei, 1993) com algumas adaptações e segmentadas em unidades de entonação. Segundo Chafe (1985), a fala espontânea não é produzida em um fluxo contínuo, mas em uma série de breves jorros que expressam a informação que está sendo focalizada pela consciência no momento da enunciação. Esses jorros são chamados por Chafe de unidades de entonação. Para a identificação dessas unidades, Chafe propõe três critérios: entonação (a maior parte das unidades termina com um contorno típico de final de oração), pausa (a separação entre as unidades é feita por uma breve pausa), sintaxe (há uma tendência para as unidades corresponderem a orações simples).

3.2 DA QUANTIFICAÇÃO DOS DADOS

As ocorrências de perifrases temporais encontradas no *corpus* foram salvas em um arquivo formato txt e importadas no programa Systemic Coder (O'Donnell, 1995), ferramenta que facilita a codificação de dados linguísticos. Após a importação e a segmentação (cada ocorrência corresponde a uma unidade a ser codificada), criou-se um esquema de codificação com os parâmetros de análise que seriam utilizados: tempo e forma da perifrase. Na sequência, o programa apresentou as ocorrências (uma por vez) e os parâmetros de análise, e a seleção dos traços de cada ocorrência foi feita pelo analista (figura 1). As escolhas do analista foram registradas pelo programa que, ao final, apresentou os resultados.

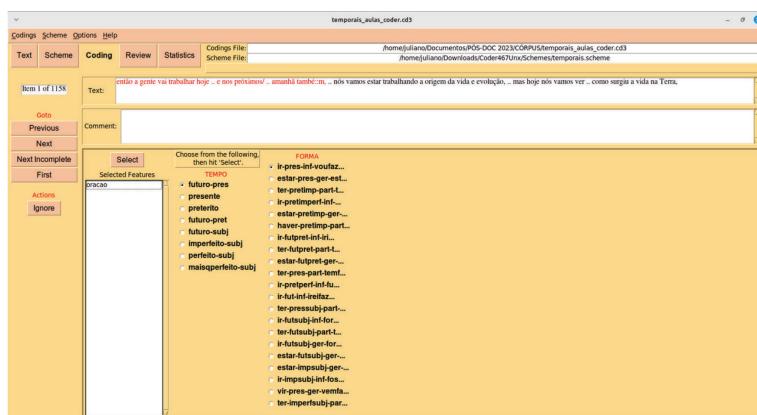


Figura 1: Captura de tela do Systemic Coder

Fonte: os autores

3.3 DOS CRITÉRIOS DE AUXILIARIDADE

Castilho (2010) apresenta quatro critérios para a identificação de uma perífrase verbal:

- sujeito da perífrase: os dois verbos devem ter o mesmo sujeito;
 - escopo da negação: a negação deve tomar por escopo os dois verbos;
 - inserção de expressões entre V1 e V2: salvo raras exceções, não é possível inserir outros elementos entre o verbo auxiliar e o verbo principal;
 - alterações semânticas do verbo auxiliar: há esvaziamento de sentido do verbo auxiliar.

Além dos quatro critérios apresentados por Castilho (2010), Ilari e Basso (2008) apresentam outros três para caracterização dos verbos auxiliares:

- o todo formado por V1 e V2 encaixa-se no quadro conjugacional emparelhando-se com a forma simples;
 - V1 não se nominaliza de forma independente;
 - o verbo auxiliar deve aparecer em uma posição altamente previsível, possivelmente em um ambiente sintático bem caracterizado e fixo.

Com base nesses critérios, foram coletadas para análise ocorrências como as da coluna esquerda do quadro 3 e foram descartadas ocorrências como as da coluna direita do mesmo quadro.

Ocorrências coletadas	Ocorrências descartadas
<p>.. se vocês não <i>tiverem lido</i> .. então .. no dia vinte e quatro eu <i>vou colocar</i> um outro conteúdo</p> <p>..porque também não <i>ia dar</i> tempo da gente falar de todos os autores</p> <p>.. eu não sei quais vocês já <i>tinham tirado</i>.</p>	<p>.. então <i>tentem dar</i> uma olha::da,</p> <p>... barbudo ali com uma baita barba .. <i>resolveu dar</i> a volta ao ... mundo,</p> <p><i>ajudá-los a refletir</i> sobre essas questões.</p> <p>.. nenhuma vez ela <i>mandou ele sair</i> de perto</p>

Quadro 3: Ocorrências coletadas e ocorrências descartadas

Fonte: os autores

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção do trabalho, apresentam-se e discutem-se os resultados encontrados a partir da tabulação das ocorrências do *corpus* da pesquisa. Inicia-se a seção os dados das ocorrências das perifrases verbais das aulas. Na sequência, focalizam-se os dados das entrevistas. Por fim, comparam-se as quantidades de ocorrências das perifrases verbais e das formas simples que expressam o mesmo conteúdo semântico.

4.1 AULAS

Na tabela 1, apresentam-se a quantidade e a frequência de ocorrência das perifrases verbais nas aulas. Como pode ser observado, das 1156 perifrases, a esmagadora maioria é de futuro do presente do indicativo (75,39%). Em seguida encontram-se as ocorrências de presente perifrástico (17,68%), de pretérito (3,55%), de futuro do pretérito (1,65%). No modo subjuntivo, as perifrases de futuro correspondem a 1,47% das ocorrências, e as de pretérito, a 0,26% das ocorrências.

Modo	Tempo	N	%
Indicativo	Futuro do presente	870	75,39
	Presente	204	17,68
	Pretérito	41	3,55
	Futuro do pretérito	19	1,65
Subjuntivo	Futuro	17	1,47
	Pretérito	3	0,26
Total		1154	100

Tabela 1: Tempo (aulas)

Fonte: os autores

Tendo em vista a enorme quantidade de ocorrências perifrásicas do futuro do presente (870), é de se esperar que essas perifrases também apresentem certa diversidade de usos além de expressar um evento posterior ao momento da fala, como no exemplo (1). É importante observar que 869 das 870 ocorrências das perifrases de futuro do presente têm a forma ir (presente) + infinitivo, chamada “futuro perifrástico” por Ilari e Basso (2008, p. 254). Em (2) apresenta-se a única ocorrência com ir (futuro) + infinitivo.

(1)

.. vocês *vão ver* isso em química

(2)

.. e::sse calor estimula::va .. elas se combinar e fazer as famosas .. ligações .. peptídicas .. que nós *iremos ver*.

Descrevem-se, a seguir, alguns dos usos das formas perifrásicas do futuro do presente encontrados no *corpus*. Nos exemplos (3) e (4), o futuro do presente é utilizado para anunciar o tópico da aula.

(3)

... hoje .. nós *vamos mudar* um POUco,
.. nós *vamos ver* Outros tipos de dispersões.

(4)

.. bom .. a gente *vai:: dar* continuidade então à aula anterior

Os professores também utilizam o futuro do presente para anunciar ações que serão realizadas após a aula, como no exemplo (5).

(5)

Eu *vou mandar* esses dois artigos para vocês sobre exercícios

Nos exemplos (6) e (7), os professores anunciam o tópico ou as atividades das próximas aulas.

(6)

.. na aula que vem as meninas *vão fechar/ vão passar* algumas questões das poesias

(7)

.. nós *vamos deixar* pro próximo capítulo,
.. pra próxima aula tá?

No exemplo (8), o professor anuncia as atividades que deverão ser realizadas pelos alunos.

(8)

... é o trabalho que vocês *vão ter que* fazer agora com os dados que foram coletados .. tá?

Em (9), conforme vai resolvendo os exercícios de cálculo no quadro, o professor vai anunciando as ações que serão realizadas imediatamente após o ato de fala.

(9)

.. então isso daqui *vai me dar* .. menos dois a x,
..seno de dois x,
.. agora eu *vou derivar* o x::,
.. quanto é que dá?
.. a:: ..co-seno de dois x,
.. então tudo isso daqui é um termo desse/é a derivada desse primeiro termo.
.. agora aqui,
.. *vou seguir* o mesmo procedimento

O futuro do presente também é utilizado para indicar eventualidade, como em (10). Cria-se uma moldura eventual (iniciada pela construção condicional) dentro da qual tudo que é dito é entendido como eventual, e o futuro continua sendo utilizado.

(10)

.. agora se ele estiver na forma de suspensão,
 .. ele *vai ter que* dissolver os #dutos# corpora::is,
 .. e primeiro sair da suspensão,
 .. porque quanto mais viscosa ela for,
 .. mais .. le::nto *vai ser* essa saída,
 .. e se .. dissolver nos #dutos# corpora::is pra ser absorvido.
 .. então a liberação .. *vai ser* modificada,
 .. consequentemente .. a biodisponibiliDAde também é modificada.
 .. modificada,
 .. eu não sei até qua::nto *vai ser* retardado

Bybee *et al.* (1991) dizem que o futuro perifrástico pode expressar modalidades imperativas, como nos exemplos (11), (12) e (13), em que o falante utiliza o futuro do presente para atribuir tarefas que deverão ser realizadas pelos ouvintes. No exemplo (13), encontra-se uma comprovação desse uso. Na primeira unidade o falante utiliza “vamos” + infinitivo. Nas demais, utiliza o imperativo.

(11)

.. abaixo do título vocês *vão colocar* o nome de vocês

(12)

.. ó .. hoje .. você *vai tirar* o leite da vaca,
 .. você *vai lá capinar*,
 .. você que cuida da horta,
 .. você *vai cuidar* do engenho.

(13)

.. vamos esquecer do que aconteceu em Minas Gerais .. né,
 .. esquece do que aconteceu,
 .. esquece que colocaram soda no leite,
 .. esquece tudo isso

O futuro do presente também é utilizado com valor de presente do subjuntivo. Nos exemplos a seguir, as formas perifrísticas podem ser substituídas por uma forma do presente do subjuntivo.

(14)

vamos supor que uma pessoa/ tenha esse conhecimento para começar a correr, né? [SUPONHAMOS]

(15)

vamos pensar juntos aqui [PENSEMOS]

(16)

.. *vamos fazer* isso em casa? [FAÇAMOS]

(17)

.. paRÊNteses .. *vamos lembrar* dos te::rmos? [LEMBREMOS]

(18)

.. se/se esse país é incapaz de fornecer adequadamente alimentos e matérias primas a um preço relativamente.. adequado,
 .. *vamos dizer* assim, [DIGAMOS]
 .. isso pode/pode estar afetando as gerações/as gerações futuras né

Essas ocorrências são diferentes do exemplo (19), em que “vamos” + infinitivo realmente expressa futuridade, ou seja, um evento que ocorre após o momento da fala.

(19)

Faz um aquecimento mais intenso,
 eLE:va a frequência cardíaca,
 que é onde a gente regula a intensidade do exercício,
 que nós *vamos começar a ver* agora, né!

Já o futuro do pretérito pode ser realizado de quatro formas diferentes, como pode ser observado na tabela 2 e nos exemplos de (20) a (23). A forma do exemplo (20) é geralmente associada a um uso mais informal por utilizar como auxiliar o verbo ir no pretérito imperfeito. Exemplos dessa forma podem ser encontrados em Ilari e Basso (2008) e Longo (2019). Ilari e Basso utilizam o rótulo futuro do pretérito perifrástico para essa forma. Já a forma do exemplo (21) é tida como mais formal pelo fato de utilizar como auxiliar o verbo ir no futuro do pretérito. Em (22), o verbo auxiliar ter está flexionado no futuro do pretérito e o verbo principal, no participípio. Em (23), o verbo auxiliar estar está flexionado também no futuro do pretérito, mas o falante utiliza uma forma reduzida do verbo (“taria”), muito comum na língua falada. Nessa ocorrência, seguida de gerúndio, observa-se a noção aspectual de cursividade. Nas gramáticas consultadas, com exceção de Said Ali (1965), não foram encontrados exemplos com as formas de (22) e (23).

Forma	N	%
Ir (pretérito imperfeito) + infinitivo	14	73,7
Ir (futuro do pretérito) + infinitivo	2	10,5
Ter (futuro do pretérito) + participípio	2	10,5
Estar (futuro do pretérito) + gerúndio	1	5,3
Total	19	100

Tabela 2: Formas do futuro do pretérito (aulas)

Fonte: os autores

(20)

Ir (pretérito imperfeito) + infinitivo
 .. porque também não *ia dar* tempo da gente falar de todos os autores

(21)

Ir (futuro do pretérito) + infinitivo
 .. de certa forma a gente pode pensar que a tributação .. *iria aumentar* e que o governo *iria arrecadar* mais

(22)

Ter (futuro do pretérito) + participípio
 .. quantos recortes vocês *teriam utilizado* ali naquela coluna?

(23)

Estar (futuro do pretérito) + gerúndio
 ... sessenta porcento/ teoricamente ele ta/ *taria utilizando* ácidos graxos

Todas as 204 ocorrências do presente perifrástico apresentam a forma estar (presente) + gerúndio, como no exemplo (24). Castilho (2010) observa que, embora o português brasileiro tenha o presente simples (por exemplo, “eu falo”) e o presente contínuo (“eu estou falando”), não há terminologia específica para o presente perifrástico pelo fato de as formas ainda não terem valores temporais idênticos. Apesar de reconhecermos, como Castilho, que a diferença entre o presente simples e o presente contínuo é aspectual, optamos por registrar nesta pesquisa, assim como Ilari e Basso (2008) e Longo (2019), as ocorrências perifrásticas do presente, que apresentam diversidade de usos.

(24)

... aqui eu *tô gastando* trinta por cento

Em (25) e (26), os professores utilizam o presente perifrástico para monitorar a atenção e/ ou a compreensão dos alunos.

(25)

.. todo mundo *tá acompanhando* até aqui?

(26) .. vocês *estão entendendo*?

Em (27), o professor orienta a respeito dos tópicos da aula.

(27)

A gente *tá falando* de treinamento oh propriamente dito

Em (28), (29) e (30), o presente perifrástico é utilizado para expressar eventos durativos que acontecem simultaneamente ao ato de fala.

(28)

.. ainda mais que eu *tô gravando* a aula né

(29)

.. então aqui *estamos tratando* de modo geral

(30)

.. calma *tô desenhando*

Nos exemplos de (31) a (36), os professores criam uma moldura de ações durativas para interpretação de um gráfico, de um poema, de um texto etc.

(31)

E AQUI ELE TÁ MOSTRANDO, OH!

(32)

Eu *tô* *CORRENDO*... ... no limiar dois,
que é aeróbico,
óh o quanto que eu *tô gastando* aqui.

(33)

.. ele *tá PERSONIFICANDO* .. colocando em nível de PESSOA elementos da natureza,
.. pra você ver que ele efetivamente ele não *tá falando* SÓ:: de:: né.. da chuva tá?

(34)

.. Lamarck *está dizendo* isso pra nós

(35)

.. tá: .. ele *tá* até *explicando* o porquê .. tá?

(36)

.. quando ele *tá falando* dessa .. “muitas pessoas com pouquíssimas terras”,
 .. ele *tá falando* “olha aqui nós temos um grau .. de produção de subsistência”

Nos exemplos de (37) a (39), o presente perifrástico é utilizado para expressar eventos durativos no presente.

(37)

.. ele *tá fazendo* um projeto um trabalho de pesquisa

(38)

.. quando o líquido envolve ali a partícula sólida,
 .. ele *tá fazendo* uma liosfe:ra .. uma biossorção .. tá?

(39)

.. o meu vizinho .. também tem uma propriedade rural,
 .. *tá produzindo* milho,
 .. o meu o::utro vizinho *tá produzindo* .. soja,
 .. o meu o::utro vizinho *tá produzindo* .. arro::z

No que diz respeito ao pretérito, o mais-que-perfeito é o que apresenta frequência de ocorrência mais alta, como pode ser observado na tabela 3. Há 17 ocorrências da forma ter (pretérito imperfeito) + particípio – exemplo (40) – e uma ocorrência de haver (pretérito imperfeito) + particípio – exemplo (41). De acordo com Ilari e Basso (2008, p. 170), essas formas correspondem ao que as gramáticas tradicionais chamam “pretérito mais-que-perfeito composto”.

Forma	N	%
Ter (pretérito imperfeito) + particípio	17	41,46
Estar (pretérito imperfeito) + gerúndio	16	39,02
Haver (pretérito imperfeito) + particípio	1	2,44
Ter (presente) + particípio	4	9,76
Ir (pretérito perfeito) + infinitivo	3	7,32
Total	41	100

Tabela 3: Formas do pretérito (aulas)

Fonte: os autores

(40)

Ter (pretérito imperfeito) + particípio

.. bom então a gente *tinha visto* né na aula anterior

(41)

Haver (pretérito imperfeito) + particípio

... com o passar do tempo .. a Terra já *havia resfriado* um po::uco,

A forma estar (pretérito imperfeito) + gerúndio – exemplo (42) – diz respeito a eventos durativos no passado. Não foram encontrados exemplos com essa forma nas gramáticas consultadas, com exceção de Said Ali (1965).

(42)

.. mas tem razão eh/eh *estávamos falando* aqui dos norte americanos né.

A forma ter (presente) + particípio – exemplo (43) – expressa a noção aspectual de hábito – eventos que ocorreram em um passado recente e tiveram início no passado e que continuam ocorrendo até o momento da fala. Essa forma é chamada “pretérito perfeito composto” por Ilari e Basso (2008) e por Castilho (2010).

(43)

Ter (presente) + particípio

.. então substâncias dotadas de sabor desagradá:vel .. *têm diminuí:do* .. o gosto produzido

Por fim, a forma ir (pretérito perfeito) + infinitivo – exemplo (44) – expressa um evento concluído no passado (Ilari; Basso, 2008; Castilho, 2010).

(44)

Ir (pretérito perfeito) + infinitivo

.. um dia *fui comer* frango

No modo subjuntivo prevalecem as ocorrências de futuro, como pode ser observado na tabela 4.

Forma	N	%
Ir (futuro do subjuntivo) + infinitivo	13	76,5
Ter (futuro do subjuntivo) + particípio	1	5,9
Ir (futuro do subjuntivo) + gerúndio	1	5,9
Estar (futuro do subjuntivo) + gerúndio	2	11,7
Total	17	100

Tabela 4: Formas do futuro do subjuntivo (aulas)

Fonte: os autores

Embora a forma que ocorre com maior frequência seja ir (futuro do subjuntivo) + infinitivo – exemplo (45), não se encontrou exemplo dessa forma nas gramáticas consultadas.

(45) .. ou seja qua::ndo .. eu *for* .. *ver* o tamanho das partículas do/do princípio ativo ali

As demais formas são ilustradas nos exemplos de (46) a (48). Segundo Ilari e Basso (2008), a forma (46) é chamada futuro composto do subjuntivo pelas gramáticas tradicionais. As formas (46) e (48) foram encontradas apenas na gramática de Said Ali (1965), e a forma (47) não foi encontrada em nenhuma das gramáticas consultadas.

(46)

Ter (futuro do subjuntivo) + particípio

se vocês não *tiverem lido*

(47)

Ir (futuro do subjuntivo) + gerúndio

.. se as partículas *forem sedimentando pre::cipitando*

(48)

Estar (futuro do subjuntivo) + gerúndio

.. quando nós *estivermos falando* do Paraná

As formas do pretérito do subjuntivo apresentam apenas três ocorrências, ilustradas nos exemplos de (49) a (51). A forma (49), em que a forma verbal “estivesse” foi reduzida para “tivesse”, foi encontrada, na forma não reduzida, na gramática de Said Ali (1965), e a forma (50) não foi encontrada nas gramáticas consultadas. Já a forma (51) é chamada pretérito perfeito do subjuntivo pelas gramáticas tradicionais (Ilari; Basso, 2008).

(49)

Estar (imperfeito do subjuntivo) + gerúndio

.. se a população *tivesse crescendo* mais em vez de arrecadar mais o governo teria que estar gastando mais do que esse aumento .. na arrecadação pra saú::de

(50)

Ir (imperfeito do subjuntivo) + infinitivo

Exemplo: .. e *fosse descasca::r* a camada/ .. a primeira camada dela INTEIRINHA.

(51)

Ter (presente subjuntivo) + particípio

.. que eu espero que *tenha sido* bom.

4.2 ENTREVISTAS

Pode-se verificar, por meio da tabela 5, que, assim como aconteceu nas aulas, a maioria das ocorrências de perífrases verbais são do modo indicativo: futuro do presente (41,35%), presente (34,13%), pretérito (17,79%) e futuro do pretérito (3,37%). No entanto, as diferenças entre as quantidades de ocorrências de futuro, de presente e de pretérito são menores do que nas aulas. Por sua vez, as ocorrências do modo subjuntivo apresentam frequência de 1,92% (futuro) e 1,44% (pretérito).

Modo	Tempo	N	%
Indicativo	Futuro do presente	86	41,35
	Presente	71	34,13
	Pretérito	37	17,79
	Futuro do pretérito	7	3,37
Subjuntivo	Futuro	4	1,92
	Pretérito	3	1,44
Total		208	100

Tabela 5: Tempo (entrevistas)

Fonte: os autores

No que diz respeito aos tempos do modo indicativo, todas as ocorrências do futuro do presente são realizadas pela forma ir (presente) + infinitivo, como no exemplo (52).

(52)

.. a gente *vai descobrir* muita coisa sobre isso né

Apresentam-se a seguir alguns dos usos do futuro do presente encontrados nas entrevistas. O primeiro deles é anunciar ações que serão realizadas imediatamente após o ato de fala, como em (53)

(53)

eu nem lembro desse término do texto,
.. eu *vou retomar* aí pra ver o que eu tava pensando nessa hora.
(o informante faz a leitura do trecho em 24 segundos)

O futuro do presente também é utilizado para indicar eventualidade, como em (54).

(54)

.. então agora:: depende muito da natureza,
.. se você *vai escrever* um artigo JORNALÍSTICO,
.. se você *vai*:: *escrever* pra um artigo pra uma revista CIENTÍFICA,
.. se *vai escrever* pra uma revista de grande circulação,
.. se *vai escrever* um LIVRO,
.. na forma de um ensaio,
.. na forma ... éh daquilo que você tem maior:: liberdade né de argumentação,
.. se você *vai escrever* um ... um:: outro tipo de trabalho mais acadé::mico,
... então ... existem múltiplas formas né ... de escrita

Outro uso é o anúncio de ações serão realizadas pelos informantes após o término da pesquisa sobre a qual eles estão falando na entrevista, como em (55) e (56).

(55)

.. então eu não tenho ainda .. com CLAREZA .. qual é .. a:: a:: linha de pesquisa que eu *vou tomar*.

(56)

.. mas eu ainda não sei se eu não *vou tentar* faze::r .. passar todo o trabalho pra ver se eu posso publicar

Assim como nas aulas, a forma vamos + infinitivo é utilizada com valor de presente do subjuntivo, como em (57).

(57)

.. esses poros eles ficam .. *vamos dizer* entupidos com a matéria orgânica [DIGAMOS]

Como pode ser observado na tabela 6, encontraram-se três diferentes formas de realização do futuro do pretérito.

Forma	N	%
Ir (pretérito imperfeito) + infinitivo	5	71,4
Ir (futuro do pretérito) + infinitivo	1	14,3
Ter (futuro do pretérito) + particípio	1	14,3
Total	7	100

Tabela 6: Formas do futuro do pretérito (entrevistas)

Fonte: os autores

A forma mais frequente de realização do futuro do pretérito é ir (pretérito imperfeito) + infinitivo (mais informal), como em (58).

(58)

eu achei assim que: eu *ia fazer* uma análise psicológica da coisa

A forma ir (futuro do pretérito) + infinitivo (mais formal) tem apenas uma ocorrência (59).

(59)

.. éh: então no caso da eletro-coagulação seria a eletricidade .. o: que *iria deixar* o processo mais caro .. né.

Por fim, a forma ter (futuro do pretérito) + particípio (60) parece ter valor de imperfeito de subjuntivo.

(60)

.. talvez *teria sido* uma coisa mas menos apaixonante né

Assim como nas aulas, todas as 71 ocorrências do presente perifrástico são realizadas pela forma estar (presente) + gerúndio, como em (61).

(61)

.. mas é bem isso que você *tá* me *perguntando* né,

Destacam-se a seguir alguns dos usos do presente perifrástico nas entrevistas. Nos exemplos de (62) a (64), expressam-se eventos durativos que acontecem simultaneamente à entrevista.

(62)

exatamente .. a alimentação aí *tá* *tá*: *matando* o brasileiro,

(63)

.. então os produtores eles *estão entrando* em contato com a gente pra saber .. se tem mais pesquisa com relação a isso.

(64)

.. eu *tô quantificando* isso ainda em queijos .. em 4 tipos de queijo,

O presente perifrástico também é utilizado para prestar esclarecimentos sobre dúvidas que surgem na interação entre entrevistador e informante, como em (65) e (66).

(65)

.. mas é bem isso que você *tá* me *perguntando* né,

(66)

.. não *tô querendo* dizer .. que é culpa da família,

Os entrevistados também utilizam o presente perifrástico para criar uma moldura de ações durativas para contextualizar eventos que ocorreram durante a realização da pesquisa, como nos exemplos de (67) a (69).

(67)

.. então os produtores eles *estão entrando* em contato com a gente pra saber .. se tem mais pesquisa com relação à isso.

(68)

éh: porque na verdade o mercado de consumo ele *tá sempre renovando* né,

(69)

.. mas por outro lado *tá se tornando* criança infratora.

No que diz respeito ao pretérito, foram encontradas quatro formas de realização, como se pode observar na tabela 7.

Forma	N	%
Ter (pretérito imperfeito) + particípio	3	8,11
Estar (pretérito imperfeito) + gerúndio	19	51,35
Ter (presente) + particípio	9	24,32
Ir (pretérito perfeito) + infinitivo	6	16,22
Total	37	100

Tabela 7: Formas do pretérito (entrevistas)

Fonte: os autores

A forma mais frequente (51,35%) é estar (pretérito imperfeito) + gerúndio, utilizada para expressar eventos durativos no passado, como em (70).

(70)

.. eu *estava fazendo* a tese de doutorado

O pretérito mais-que-perfeito é realizado pela forma ter (pretérito imperfeito) + particípio, como em (71).

(71)

.. gente eu nunca *tinha pensado* nisso na minha vida.

A forma ter (presente) + particípio – exemplo (72) – expressa eventos que tiveram início no passado e que continuam até o momento da fala.

(72)

.. o homem *tem concentrado* Omega 6

Por fim, a forma ir (pretérito perfeito) + infinitivo é utilizada para expressar eventos concluídos no passado, como em (73).

(73)

.. e foi aí que eu *fui* então ... *pesquisar*: ... né

A quantidade e a frequência de ocorrência das realizações perifrásicas do futuro do subjuntivo são apresentadas na tabela 8.

Formas	N	%
Ir (futuro do subjuntivo) + infinitivo	3	75
Estar (futuro do subjuntivo) + gerúndio	1	25
Total	4	100

Tabela 8: Formas do futuro do subjuntivo (entrevistas)**Fonte:** os autores

O futuro do subjuntivo é expresso pelas formas ir (futuro do subjuntivo) + infinitivo, como em (74), e pela forma estar (futuro do subjuntivo) + gerúndio, como em (75).

(74)

.. éh: .. é porque se você *for fazer* análise estatística

(75)

.. se eu *estiver .. escrevendo* um diário

Já os tempos do pretérito do subjuntivo apresentam apenas três ocorrências, realizadas pelas formas ter (presente do subjuntivo) + participípio, como em (76), e ter (imperfeito do subjuntivo) + participípio (uma ocorrência), como em (77).

(76)

e talvez *tenha sido* uma atitude covarde também né,

(77)

.. porque se eu *tivesse feito*:: um artigo assim so::bre algum:: tema da disciplina,

Formas compostas versus formas simples

Para que se pudesse verificar quais formas dos verbos são mais utilizadas, realizou-se um levantamento das ocorrências em que os informantes da pesquisa utilizaram formas simples em contextos nos quais a língua disponibiliza formas perifrásicas.

Nas aulas, os tempos verbais que apresentaram formas simples foram o futuro do presente e o futuro do pretérito. O cotejo entre as quantidades de ocorrências é apresentado nas tabelas 9 e 10. Observa-se nas tabelas a preferência dos falantes por formas simples em se tratando do futuro do pretérito e por formas perifrásicas quando se trata do futuro do presente. No caso do futuro do pretérito, as formas perifrásicas correspondem a 29,2% das ocorrências. Já no caso do futuro do presente, as formas perifrásicas correspondem a 99,5% das ocorrências. Esses dados demonstram que, no *corpus* investigado, as formas simples do futuro do presente praticamente não são utilizadas.

	N	%
Simples	46	70,8
Perifrásico	19	29,2
Total	65	100

Tabela 9: Formas simples x formas perifrásicas do futuro do pretérito (aulas)**Fonte:** os autores

	N	%
Simples	4	0,5
Perifrásico	870	99,5
Total	874	100

Tabela 10: Formas simples x formas perifrásicas do futuro do presente (aulas).

Fonte: os autores

Para se procurar compreender o motivo de, no futuro do pretérito, prevalecerem as formas simples, investigaram-se as funções realizadas por essas formas. A equivalência entre formas simples e formas perifrásicas ocorreria apenas quando a forma simples funciona como verbo principal ou exerce função metalingüística. Como auxiliar modal ou verbo de ligação os falantes não utilizariam uma forma perifrásica. Os resultados são apresentados na tabela 11.

Função	N	%
Auxiliar modal	5	10,9
Verbo de ligação	15	32,6
Verbo principal	21	45,6
Função metalingüística	5	10,9
Total	46	100

Tabela 11: Funções das formas simples do futuro do pretérito (aulas)

Fonte: os autores

Em 45,6% das ocorrências, as formas simples do futuro do pretérito funcionam como verbo principal da oração, como em (78). Nesse caso, a forma simples *ocorreria* poderia ser substituída pela forma perifrásica *iria ocorrer*.

(78)

.. e como que essa industrializa/industrialização *ocorreria*?

.. ela *ocorreria* a partir da substituição do que você importava anteriormente

Os falantes utilizam formas simples com função metalingüística em 10,9% das ocorrências, como em (79), em que a forma *diria* poderia ser substituída pela forma perifrásica *vamos dizer*, mencionada anteriormente nos resultados desta pesquisa. A forma *diria* é utilizada para indicar que o falante está em busca da melhor maneira de expressar o conteúdo que quer veicular, como em (79).

(79)

.. mas isso tem que ser/ tem que ser .. digamos amparado .. eu *diria* .. por uma atividade agrícola competente

As formas simples do futuro do pretérito funcionam como verbo de ligação em 32,6% das ocorrências, como em (80). Seria estranho utilizar uma forma perifrásica como verbo de ligação em (80): qual *iria ser* a estratégia...

(80)

.. qual *seria* a estratégia de desenvolvimento para América/ para América Latina?

Por fim, as formas simples do futuro do pretérito funcionam como auxiliar modal em 10,9% das ocorrências, como em (81). Seria praticamente impossível um falante nativo utilizar uma forma perifrásica nessa função: eu *iria poder até estar fazendo...*

(81)

.. eu *poderia* até estar fazendo uma # ergométrica.

Nas entrevistas, não há nenhuma ocorrência de futuro do presente realizado por forma simples. Foram encontradas ocorrências apenas do futuro do pretérito. Assim como nas aulas, as formas simples apresentam frequência de ocorrência mais alta do que as perifrásicas, como se pode observar na tabela 12. Inclusive as frequências de ocorrências são exatamente as mesmas das aulas (70,8% das formas simples x 29,2% das formas compostas).

	N	%
Simples	17	70,8
Perifrásico	7	29,2
Total	24	100

Tabela 12: Formas simples x formas perifrásicas do futuro do pretérito (entrevistas)

Fonte: os autores

No que diz respeito às funções exercidas pelas formas simples, a quantificação das ocorrências é apresentada na tabela 13.

Função	N	%
Auxiliar modal	8	47
Ligação	4	23,5
Verbo principal	5	29,5
Total	17	100

Tabela 13: Funções das formas simples do futuro do pretérito (entrevistas)

Fonte: os autores

As formas simples funcionam como verbo principal em 29,5% das ocorrências, como em (82). Nesse caso, seria possível substituir as formas simples por formas perifrásicas: *iria ter, iriam correr*.

(82)

... éh ... então eu acredito que o vestibular *teria* uma grande função nesse sentido .. né,
.. porque as escolas .. bem ou mal .. umas mais .. outras menos .. *correriam* atrás

A frequência de ocorrência mais alta das formas simples (47%) é na função de auxiliar modal, como em (83). Dificilmente um falante nativo do português substituiria a forma simples que funciona como auxiliar modal por uma forma perifrásica. Soaria estranho dizer “o melhor que *iria poder* acontecer”.

(83)

.. eu acho que o melhor que *poderia acontecer* é essas crianças serem inseridas em lares .. né,

Por fim, as formas simples funcionam como verbo de ligação em 23,5% das ocorrências, como em (84). Também soaria estranho se um falante nativo utilizasse a forma perifrásica “*iria ser interessante*” no lugar da forma simples como auxiliar modal.

(84)

.. mas será que não:: *seria* interessante a gente pegar dessas crianças que passaram por ali,

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo realizar uma descrição do funcionamento das perífrases temporais em um *corpus* de língua falada formado por aulas de curso superior e de curso pré-vestibular e por entrevistas orais com pesquisadores.

A partir da tabulação dos dados, verificou-se que, no modo indicativo, tanto nas aulas quanto nas entrevistas, a grande maioria das perífrases é de futuro do presente do indicativo. Dada essa enorme quantidade de ocorrências perifrásicas do futuro do presente, é de se esperar que essas perífrases também apresentem certa diversidade de usos além de expressar um evento posterior ao momento da fala. Alguns dos usos encontrados nas aulas foram anunciar o tópico da aula, anunciar ações que serão realizadas após a aula, anunciar o tópico ou as atividades das próximas aulas, anunciar atividades que deverão ser realizadas pelos alunos, anunciar ações que serão realizadas imediatamente após o ato de fala, indicar eventualidade, atribuir tarefas que deverão ser realizadas pelos ouvintes. Nas entrevistas, alguns dos usos encontrados foram anunciar ações que serão realizadas imediatamente após o ato de fala e anunciar ações serão realizadas pelos informantes após o término da pesquisa sobre a qual eles estão falando na entrevista.

O presente perifrásico também apresenta alta frequência de ocorrência. Nas aulas, alguns dos usos encontrados foram monitorar a atenção e/ ou a compreensão dos alunos, expressar eventos durativos que acontecem simultaneamente ao ato de fala, criar uma moldura de ações durativas para interpretação de um gráfico, de um poema, de um texto etc., expressar eventos durativos no presente. Já nas entrevistas, alguns dos usos encontrados foram expressar eventos durativos que acontecem simultaneamente à entrevista, prestar esclarecimentos sobre dúvidas que surgem na interação entre entrevistador e informante, criar uma moldura de ações durativas para contextualizar eventos que ocorreram durante a realização da pesquisa.

Ainda no modo indicativo, foram encontradas, com frequência mais baixa, ocorrências de futuro do pretérito. No modo subjuntivo, também com baixa frequência, encontraram-se perífrases de futuro e de pretérito.

Para que se pudesse verificar quais formas dos verbos são mais utilizadas, realizou-se um levantamento das ocorrências em que os informantes da pesquisa utilizaram formas simples em contextos nos quais a língua disponibiliza formas perifrásicas.

Nas aulas, os tempos verbais que apresentaram formas simples foram o futuro do presente e o futuro do pretérito. No caso do futuro do presente, as formas perifrásicas correspondem a 99,5% das ocorrências. Esses dados demonstram que, no *corpus* investigado, as formas simples do futuro do presente praticamente não são utilizadas. Já no caso do futuro do pretérito, observou-se a preferência dos falantes por formas simples. Para se procurar compreender o motivo de, no futuro do pretérito, prevalecerem as formas simples, investigaram-se as funções realizadas por essas formas. A equivalência entre formas simples e formas perifrásicas ocorreria apenas quando a forma simples funciona como verbo principal ou exerce função metalingüística. Como auxiliar modal ou verbo de ligação não seria muito comum os falantes utilizarem uma forma perifrásica.

Nas entrevistas, não há nenhuma ocorrência de futuro do presente realizado por forma simples. Foram encontradas ocorrências apenas do futuro do pretérito. Assim como nas aulas, as formas simples apresentam frequência de ocorrência mais alta do que as perifrásicas. No entanto, as formas simples ocorrem com maior frequência como auxiliares modais ou verbos de ligação do que como verbo principal.

Espera-se que os resultados apresentados neste trabalho possam servir como base para discussão a respeito do tratamento dado pelas gramáticas (principalmente as escolares) às perífrases verbais. Muitas das formas de expressão perifrásicas encontradas no *corpus* investigado nesta pesquisa não são encontrados nos manuais de ensino de gramática. Em termos de trabalhos futuros, pretende-se elaborar uma proposta de apresentação das perífrases tendo como alvo estudantes da educação básica. Nessa proposta, além da formação das perífrases, pretende-se também explorar os usos dos tempos perifrásicos.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. R. de Janeiro: Lucerna, 2002.
- BYBEE, J. *Morphology: A Study of the Relation Between Meaning and Form*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1985.
- BYBEE, J.; DAHL, Ö. The creation of tense and aspect systems in the languages of the world. *Studies in Language*, v. 13, n. 1, p. 51-103, 1989.
- BYBEE, J. L.; PAGLIUCA, W.; PERKINS, R. D. Back to the future. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (ed.). *Approaches to grammaticalization*. Vol. 2. Types of grammatical markers. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-58.
- CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de filologia e gramática*. 2. ed. R. de Janeiro: J. Ozon Editor, 1964.
- CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. S. Paulo: Contexto, 2010.
- CEREJA, W. COCHAR, T. *Gramática: texto, reflexão e uso*. 5. ed. S. Paulo: Atual, 2016.
- CHAFFE, W. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N.; HILDYARD, A. (org.). *Literacy, Language and Learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 105-123.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 7. ed. R. de Janeiro: Lexikon, 2017.
- GLINZ, H. *Die innere Form des Deutschen. Eine neue Deutsche Grammatik*. Bern und München: Francke Verlag, 1952.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.
- HASPELMATH, M. Periphrasis. In: BOOIJ, G. et al. (org.). 1. *Halbband: Ein internationales Handbuch zur Flexion und Wortbildung*. Berlin/ New York: Mouton De Gruyter, 2008. p. 654-664.
- ILARI, R. *A expressão do tempo em português*. S. Paulo: Contexto, 1997.
- ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Vol. 2. Campinas: Ed. da Unicamp, 2008. p. 163-365.
- KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. S. Paulo: Ática, 1997.
- LOBATO, L. M. P. Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critério de auxiliaridade. In: LOBATO, L. M. P.; POTTIER, B.; D'INTRONO, F.; LOFFLER-LAURIAN, A. M.; VIDAL, A. M. (org.). *Análises linguísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 27-91.
- LONGO, B. N. O. Auxiliaridade. In: RODRIGUES, A.; ALVES, I. M. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção morfológica da palavra*. Vol. VI. S. Paulo: Contexto/ FAPESP, 2019. p. 175-187.
- LONGO, B. O.; CAMPOS, O. S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (org.). *Gramática do português falado: novos estudos descritivos*. Vol. 8. Campinas: Editora da Unicamp/ FAPESP, 2002. p. 445-477.

O'DONNELL, M. From Corpus to Codings: Semi-Automating the Acquisition of Linguistic Features. *Proceedings of the AAAI Spring Symposium on Empirical Methods in Discourse Interpretation and Generation*. Proceedings... . p.27–29, 1995. Stanford: AAAI.

PONTES, E. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis: Vozes, 1973.

PRETI, D. *Análise de Textos Orais*. S. Paulo: FFLCH/USP, 1993.

SAID-ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 5. ed. S. Paulo: Melhoramentos, 1965.

TERRA, E. *Curso prático de gramática*. 7. ed. S. Paulo: Scipione, 2017.



Recebido em 30/05/2023. Aceito em 30/04/2024.